

AS VOZES DOS SHINIGAMI: A MORTE E OS MORTOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Roberto Barreto Marques¹

Resumo: Há algum tempo as pesquisas sobre a morte deixaram de ser algo raro de se pesquisar nas ciências humanas. Congressos específicos tais como os organizados pela associação brasileira de estudos cemiteriais (ABEC) e o congresso internacional imagens da morte têm promovido a temática, apresentando-a à comunidade científica. A morte, os mortos, o além e os cemitérios são objetos de estudo plausíveis e relevantes na compreensão de aspectos sócio-históricos da sociedade dos vivos. Porém, para que tais temáticas deixassem de ser meros apêndices de temas maiores, apenas capítulos de livros específicos de outras obras, deixassem de ser tomos difíceis de serem encontrados e um assunto com exíguo referencial teórico, houve os pioneiros e aqueles que se empenharam em apresentar o tabu da morte, seja em uma perspectiva processual, de longa duração, ou aqueles que desafiaram o gosto e a tendência mais moderna de afastar a morte da vida e mesmo de uma investigação científica séria. Veremos alguns destes pesquisadores.

Introdução

Dizer que uma pesquisa sobre a morte ou mesmo, mais especificamente, sobre os cemitérios, é de todo inovadora não é mais verdade. Há cerca de duas décadas – talvez mais- as investigações histórico-antropológicas sobre a morte, os mortos, os cemitérios e o além expandiram bastante, parecendo exaurir o ineditismo temático na atualidade. Hoje, como há três ou cinco anos atrás, quem adentra à senda dos estudos sobre a morte e os cemitérios, não pode reclamar da insuficiência da produção de conhecimento na área.

Atualmente dispomos bianualmente do evento da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais), onde pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e diferentes partes do país apresentam suas pesquisas, nos níveis de graduação, mestrado e doutorado. Fora do país, ainda há a Red Iberoamericana de Cemitério Patrimoniales, que dispõe de um congresso anual, onde reúne pesquisadores da América Latina e, em 2010, ocorreu na cidade de Salvador (BA-Brasil).

Em eventos menos específicos também encontramos um interesse sobre a morte, na forma de grupos de trabalhos, simpósios temáticos e mesas de debates. A 29ª RBA (Reunião Brasileira de Antropologia) que ocorreu em 2014, ofertou no GT 33: “etnografias da morte: um campo em permanente diálogo”, recebendo mais propostas de trabalho do que poderia aprovar. O XXVIII Simpósio Nacional de História – ANPUH 2015 -, que ocorreu em julho,

¹ Doutorando em antropologia pelo PPGA-UFPE

disponibilizou o simpósio temático 9: “a morte, o morrer e os mortos na Ibero-América: história, representações e novos problemas”.

Dois grandes eventos nacionais, um da antropologia e outro da história, trouxeram em sua programação pesquisadores da temática da morte, que expõem suas produções e dialogam entre si. Destes eventos muitos grupos de pesquisa e estudo se formaram, dentre eles o “Imagens da morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano” (sediado na UNIRIO). Nele os participantes compartilham resultados obtidos em suas pesquisas e organizam coletâneas e participações em eventos ligados ao tema da morte.

Esses eventos, grupos de trabalho, pesquisas e pesquisadores têm difundido as investigações no âmbito dos estudos da morte e do cemitério, contribuindo para um maior conhecimento desta área dentro das ciências humanas e sociais e alcançando mesmo o público leigo, na forma da preservação de cemitérios e carros fúnebres que são disponibilizados para visita guiada².

Contudo, dentre estas pesquisas, destacam-se aquelas que inspiraram gerações e deram fôlego ao tema da morte no Brasil e no mundo, sendo indispensáveis a qualquer pesquisa sobre a morte, os mortos e os cemitérios, aparecendo em teses e dissertações de programas de pós-graduação, como é o caso do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

As pesquisas sobre a morte

O norte-americano Geoffrey Gorer (1965) tornou-se um nome de peso nos estudos da morte entre os anos 1950 e 1960, preocupando-se em apresentar a temática em uma perspectiva econômica e ritualística, defendendo a polêmica tese do tabu da morte, que vinha a substituir o interstício do sexo e da pornografia que já não chocavam tanto na

² As cidades de Recife, Pelotas, Curitiba, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte disponibilizam visitas guiadas, em geral realizadas por pesquisadores voluntários, às suas necrópoles mais emblemáticas e a monumentos funerários. O cemitério da Consolação (em São Paulo) disponibiliza folhetos informativos e visitas guiadas por funcionários do local; o cemitério Campo Santo (Salvador) tem em seus túmulos mais belos e históricos, placas esquadrinhando aspectos artísticos e históricos das sepulturas, trazendo informações aos visitantes. No cemitério de Santo Amaro (em Recife), as visitas são improvisadas por professores de história e entusiastas da temática cemiterial, ao passo que, em Pelotas, restauradores e historiadores, com auxílio federal, expõe carros fúnebres comumente utilizados em meados do século XIX. Tanto em Belo Horizonte quanto em Curitiba, as visitas aos cemitérios têm ganhado o sombrio manto da noite, atraindo entusiastas da arte cemiterial e de locais assombrados, sendo comum a formação de grandes grupos em visitas noturnas aos cemitérios do Bomfim (Belo Horizonte) e Municipal de Curitiba.

contemporaneidade. Para ele a morte seria o grande tabu do século XX, especialmente após a Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Não escondendo sua influência durkheimiana, Robert Hertz (1978) aparece como grande nome dos estudos sobre a morte, tendo seus textos consultados até hoje apesar do ineditismo da tradução portuguesa. Diferente de autores clássicos da antropologia, tais como Morgan, Frazer, Radcliffe-Brown e Van Gennep, Hertz dedicou toda uma obra aos ritos fúnebres, alinhando-se à perspectiva de Mauss e observando a morte como um fato social total.

O francês Louis Vincent Thomas (1993) se dividiu entre os estudos da cultura africana e as atitudes perante a morte na contemporaneidade, publicando obras específicas sobre a temática da morte a partir dos anos 1960, quando discorreu sobre o distanciamento da morte no ocidente. Thomas chega a conclusões semelhantes a Gorer, quando afirma que vivemos um distanciamento da morte, um esquecimento repulsivo dela; o que não era visto antes do século XX.

Edgar Morin (1997), um intelectual conhecido pela diversificada e vasta obra multidisciplinar, também chegou a se debruçar sobre a temática da morte em seu livro “o homem e a morte”. A partir de seu estudo de cunho histórico-filosófico, a noção da chamada negação da morte na sociedade contemporânea ganha força em novas pesquisas, sobretudo na filosofia, antropologia e sociologia.

Nos distanciando um pouco da antropologia e da sociologia da morte e nos aproximando mais dos historiadores e dos cemitérios, destacam-se alguns nomes, tais como o de Jean Claude Schmitt (1997), Jean-Didier Urbain (1989), Michel Vovelle (1997;2010) e Phillipe Ariès (2000a;2000b;2003). Schmitt destaca-se entre os historiadores franceses como um medievalista preocupado com as atitudes perante a morte no medievo. Seu livro “os vivos e os mortos na sociedade medieval” tornou-se relevante para aqueles que almejam comparar a percepção da morte na Idade Média com a encontrada em outros períodos históricos.

Urban destaca-se pelo interesse nos cemitérios ocidentais, observando-os criticamente, atendo para os itens decorativos dos túmulos, como estatuárias, brasões, medalhões e cruzes em uma perspectiva semiológica. Vovelle articula-se com a chamada “Escola dos Annales”, conhecida pela inovação no uso de novas fontes, pela preocupação com a micro-história e pelo alinhamento com as ciências sociais. Destaca-se na produção de Vovelle os livros “As almas do purgatório” e “Imagens e imaginário na História”. O primeiro, em uma perspectiva

processual de longa duração, utiliza-se de fonte iconográficas para descortinar o imaginário do purgatório através dos tempos, chegando à atualidade. O segundo livro, mais amplo, não se detém à morte, mas, em uma metodologia semelhante ao primeiro, fala do imaginário da morte através dos tempos, utilizando-se muito de sepulturas e cemitérios como fonte, trazendo informações pertinentes sobre a simbologia presente na arte cemiterial.

Ariès, no entanto, consta como o nome mais presente nas teses e dissertações brasileiras que discorrem sobre cemitérios (nos últimos vinte anos), como pude atestar em levantamento bibliográfico prévio. Não é para menos, o historiador francês, como ele mesmo não esconde em sua vultosa obra, dedicou décadas inteiras e exclusivas à pesquisar, também sob a perspectiva da história de longa duração, as atitudes do homem perante a morte no ocidente. Para tanto utilizou de uma vasta fonte documental e, sobretudo, iconográfica, admitindo os cemitérios europeus e norte-americanos como objetos e fontes de estudo, elencando em suas obras subtemas diversos ligados a morte, como ritos fúnebres, arte e arquitetura funerária e luto.

O sociólogo e historiador Norbert Elias (2001), ao pesquisar a morte, o luto e o moribundo, indicou vários pontos falhos e incoerentes da pesquisa de Ariès, bem como de outros autores que o antecederam e acompanharam suas teses. Elias afirmou que a percepção de uma morte natural, que não se sofria ou temia, na Idade Média, era uma falácia e que a história não é evolutiva, mas feita de recuos e avanços. Nessa perspectiva, o tal medo da morte e distanciamento dos mortos vistos atualmente, muitas vezes atribuídos a uma dessacralização, passa a ser questionada a partir dos anos 1980. A preocupação de Elias com os idosos e o moribundo e o prolongamento da vida por meios artificiais também passa a influenciar novas pesquisas na área da sociologia da saúde.

A morte no cenário nacional

No Brasil, estas pesquisas e pesquisadores mencionados marcaram períodos de grande afã pela temática da morte, influenciando em projetos conhecidos entre os antropólogos interessados na morte. Trabalhos como os de Manuela Carneiro da Cunha (1978) sobre os ritos mortuários Krahó e pesquisas como as de Juana Elbein dos Santos (1975), sobre a cultura Nagô e sua relação com os mortos, surgiram e logo se tornaram referência.

Com “tabu da morte”, de José Carlos Rodrigues (2006), a morte na antropologia chega às cidades, ao urbano, onde ela é vista como um fato social total estruturante e estruturador da

cultura e da sociedade. Em um capítulo de “A casa e a rua”, denominado “a morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro”, Roberto DaMatta (1986) expõe uma peculiaridade brasileira, a preocupação especialmente com os mortos do que com a morte em si. No Brasil, ele defende, para onde o morto vai e se ele pode voltar ou não, é a preocupação central.

José de Souza Martins (1983) aparece como um grande entusiasta da temática da morte, reunindo pesquisadores em um congresso na Universidade de São Paulo intitulado a morte e os mortos na sociedade brasileira, resultando em um livro homônimo com a participação de nomes como Roberto DaMatta e Renato Ortiz. A primeira edição do livro “A morte e os mortos na sociedade brasileira” logo esgotou sua primeira edição nos anos 1980. Martins continuou produzindo, inclusive interessando-se pelos cemitérios, o que resultou em textos em jornais e um folhetim sócio-histórico sobre os túmulos do cemitério da Consolação, hoje distribuído aos visitantes desta necrópole.

Mas enquanto as pesquisas internacionais ainda estavam sendo divulgadas ou em processo de escrita, alguns nomes se sobressaíram no Brasil pelo ineditismo e ousadia temática, sobretudo pela atenção concedida aos cemitérios. São eles Luiz da Câmara Cascudo (1983), Gilberto Freyre (1959;2006) e Clarival do Prado Valladares (1972), pioneiros em estudar a morte e os cemitérios brasileiros.

O folclorista Câmara Cascudo ficou conhecido pela volumosa obra que deixou sobre o folclore brasileiro, sobretudo nordestino, preocupando-se com lendas, assombrações e monstrosidades que povoam a mentalidade brasileira. A morte também lhe foi interessante e ele dedicou algumas páginas a ela, como em “Anubis e outros ensaios”, onde Cascudo destaca ritos fúnebres bem peculiares no Brasil de sua época e do século XVII e XVIII, tais como o costume greco-romano de pôr uma moeda nos olhos ou língua do morto. Seu nome é comumente lembrado nas pesquisas sobre a morte.

Gilberto Freyre seguiu Câmara Cascudo e o elogiou em diversos pontos de seu trabalho, mas não se limitou aos ritos fúnebres, assombrações e monstros folclóricos, como fez Cascudo. Freyre também se preocupou com os cemitérios e com os túmulos em uma obra específica e em partes de outros livros. Curioso ver no prefácio de Sobrados e Mucambos a menção do livro “Jazigos e Covas Razas”, obra que completaria a série iniciada em Casa Grande e Senzala e finalizada com Ordem e Progresso.

A morte de Freyre terminou por não fechar devidamente a série de livros com uma obra sobre os cemitérios oitocentistas, cujo objetivo seria olhar os túmulos como ícones do patriarcado rural em sua decadência. No entanto Freyre ainda conseguiu publicar um livro sobre cemitérios. Nos anos 1950, ao retornar de uma viagem exploratória na África, ele publicou “Em torno de alguns túmulos afro-cristãos”; um estudo sobre a influência cristã em sepulturas de cemitérios de Moçamedes (Angola), onde as imagens tipicamente angolanas apresentavam traços cristãos, como no caso de formas femininas negras e robustas que faziam referência à Pietà, de Michelangelo.

Valladares, médico e historiador baiano, foi um entusiasta dos trabalhos de Gilberto Freyre e reconhecido por este como grande historiador da arte cemiterial. Passou anos visitando diversos cemitérios ao redor do Brasil, catalogando muitos túmulos e estudando a arquitetura dos cemitérios. De seu trabalho resultou um rico acervo fotográfico e uma volumosa obra dividida em dois tomos e intitulada “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros”, publicado em 1972. Seu trabalho tornou-se referência para qualquer pesquisa sobre os cemitérios brasileiros, especialmente aquelas com ênfase na arte funerária. Hoje suas fotografias são consultadas e comparadas com o estado atual dos túmulos em cemitérios, especialmente oitocentistas.

Mais recentemente, no âmbito da história da morte e da arte e arquitetura funerária, destacaram-se os nomes de João José Reis(1991), Claudia Rodrigues (1997;2005) e Maria Elísia Borges(2002). Reis, com seu estudo sobre a revolta da cemiterada, evento curioso que ocorreu na Bahia do início do oitocentos, abre caminho para uma pesquisa ampla tendo como fontes testamentos e arquivos de entidades religiosas. Em seu trajeto para descortinar este evento específico que moveu clérigos e populares a depredar o primeiro cemitério público brasileiro, Reis confere diversas informações sobre o cotidiano da morte entre finais do setecentos e início do oitocentos.

Claudia Rodrigues, no Rio de Janeiro, segue de perto os passos que Reis deu na Bahia. Oferta aos entusiastas da morte dois premiados livros, a saber, “Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro” e “Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)”. Neles a preocupação com os testamentos salta aos olhos do leitor, posto que as informações que a autora extrai dos períodos estudados advém peculiarmente destes papéis, que descortinam os sentimentos

religiosos e preocupações com o destino final do morto, confirmando as informações já levantadas por DaMata sobre o temor do além.

Borges destaca-se pelo alinhamento com Valladares, tecendo uma clara preocupação com a preservação da arte funerária brasileira. A historiadora e crítica de arte desenvolve trabalhos sobre a iconografia tumular, os bustos nos cemitérios, a presença positivista nos cemitérios, a decoração das lápides e as formas dos túmulos, confeccionando um material catalográfico que busca sistematizar as diferentes formas de sepulturas oitocentistas. Seus trabalhos também se tornaram referência nas pesquisas que abordam os túmulos e os cemitérios.

Pesquisas sobre a morte no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE

No âmbito da pós-graduação, novas pesquisas sobre a temática da morte têm surgido em diversas universidades. O programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como um dos mais antigos do país, tem se consolidado neste meio ao apresentar um interesse no tema através de seus docentes e discentes, tanto ao nível de mestrado quanto doutorado. Entre meados dos anos 1990 até a atualidade, o PPGAUFPE não apenas tem produzido trabalhos cujo tema principal é a morte, como dispõe de obras de referência nacional sobre a temática, sendo comum a citação destas produções em artigos e livros.

A professora Mísia Lins Reesink e o doutorando Marjones Pinheiro desenvolveram pesquisas que envolvem ritos fúnebres e religião. O professor Antonio Motta e a professora Isabela Moraes, por outro lado, apresentam trabalhos em subtemas distintos, envolvendo a economia da morte e os cemitérios.

Mísia Lins Reesink desenvolveu em seu curso de mestrado no PPGAUFPE uma dissertação, orientada pelo professor Roberto Motta, ligando imaginário, religião e morte em uma comunidade pobre da Região Metropolitana do Recife. A pesquisadora nos ofertou um trabalho sólido, que se consolidaria em uma pesquisa mais ampla e inovadora desenvolvida na École des Hautes Études em Sciences Sociales, sob a orientação de Marc Augé. Da pesquisa resultou o livro, ainda inédito em português, intitulado “Les Passages Obligatoires: cosmologie catholique et mort dans le quartier de Casa Amarela, à Recife (Pernambuco-Brésil)”. Na obra a autora, expondo a relação que os habitantes do Alto do Reservatório - Casa Amarela (Recife-PE)- têm com a morte, avança não só na antropologia da morte como na

antropologia da religião ao verificar uma espécie de reflexividade católica na vivência da morte, contrastando com abordagens que atribuem esta reflexividade e autonomia apenas ao protestantismo.

Marjones Jorge Xavier Pinheiro atualmente (no doutorado em antropologia do PPGAUFPE) dá continuidade a sua dissertação de mestrado intitulada “Morte e judaísmo: transformações ao longo do tempo em Pernambuco”. Seu trabalho procurou identificar os costumes e rituais fúnebres praticados pelos judeus em Pernambuco desde o século XVI até a contemporaneidade, sendo marcadamente uma obra ousada devido a longa duração e curiosa por apresentar rituais mortuários judaicos verificados em alguns grupos que se quer identificavam-se como judeus.

O antropólogo Antonio Motta, após longa pesquisa nos cemitérios fundados no Brasil em meados do século XIX, publicou pelo MEC e Fundação Joaquim Nabuco o livro “Á flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros”. Um livro que logo se tornou referência nacional entre os pesquisadores da temática da morte e, especialmente, entre os entusiastas dos chamados estudos cimiteriais, o que é atestado pelas numerosas resenhas que motivou, como as encontradas nas revistas *Cadernos Pagu* e *Horizontes Antropológicos*. Trata-se de um texto seminal à pesquisa que tem por foco o cemitério, especialmente pela ausência delas sob uma perspectiva antropológica. Em uma escrita agradável e com referências literárias, Motta apresenta os túmulos como ícones distintivos reveladores de mudanças no padrão de família e parentesco. Apresentando uma temática tradicional da antropologia com uma nova interpretação, Motta vê nos túmulos reflexos da sociedade dos vivos, seja nos tradicionais túmulos familiares edificadas na forma de catedrais ou nas sepulturas individualizadas, decoradas com pranteadoras que lamentam uma figura comumente ilustre representada em um busto de mármore ou bronze. Certamente um livro entre o que fora almejado por Freyre e o que foi feito por Valladares.

Isabela Morais, em sua tese de doutorado defendida no PPGAUFPE sob orientação do professor Dr. Antonio Motta, traz à tona uma importante temática da morte, central nos estudos fúnebres norte-americanos, a saber, a chamada economia da morte. Em sua tese “pela hora da morte estudo sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo parque das flores, em Alagoas”, Morais nos apresenta os custos da morte e o mercado fúnebre alagoano. Verificamos na obra o empenho da propaganda dos planos funerários, as preocupações com o caixão, a coroa de flores e tudo que envolve o ritual fúnebre

contemporâneo sob uma ótica de mercado. Sem dúvida uma pesquisa que põe sifões nos rituais fúnebres, sendo relevante também aos pesquisadores da antropologia do consumo.

Considerações finais

As pesquisas sobre a morte e os mortos ainda têm um longo caminho a percorrer e muito o que dizer e produzir, mas muito também já foi feito e pesquisas vêm sendo desenvolvidas para um maior conhecimento desta temática. A perspectiva da morte é uma linha interessante ao debate e conhecimento humano, uma linha que problematiza o que muitos consideram fugaz, pouco relevante e até grotesco, mas que, tomado devidamente como objeto de estudo, evitando-se os clichês, nos revela características bem peculiares da vida humana em sociedade. Há coisas, diria, que só os mortos nos revelam, ou melhor, há coisas que só nossa perspectiva sobre a morte nos mostra e, por isso, cabe a continuidade de produção de conhecimento nesta área ainda tão rica e repleta de curiosidades. Consideremos os pioneiros e suas empreitadas inovadoras e sigamos também pelos veios que eles deixaram.

Referências

ARIÈS, Philippe. O homem perante a morte – I. 2.ed. Portugal: Publicações Europa-América, 2000a.

ARIÈS, Philippe. O homem perante a morte – II. 2.ed. Portugal: Publicações Europa-América, 2000b.

ARIÈS, Philippe. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1988.

ASSIS, Machado de. Memorial de Aires. São Paulo: Edigraf, S/ano.

CUNHA, Manuela Carneiro. Os mortos e os outros. São Paulo: HUCITEC, 1978.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREYRE, Gilberto. Em torno de alguns túmulos afro-cristãos. Salvador: UFBA, 1959.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2006.

GORER, Geoffrey. Death, Grief, and mourning in contemporary britain. London, The Cresst Press, 1965.

HERTZ, Robert. Sulla rappresentazione collettiva della morte. Roma: Savelli, 1978.

MOTTA, Antonio. À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Massangana, 2009.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMAS, Louis-Vincent. Antropología de la muerte. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

URBAIN, Jean-Didier. L'archipel des morts. Paris: Payot, 1989.

VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2.v.

VOVELLE, Michel. Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

ZIEGLER, Jean. Os vivos e a morte: uma “sociologia da morte” no ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.